



## **Intelectualidade e escritas de si: traços (auto)biográficos na obra de O. G. Rego de Carvalho<sup>1</sup>**

### ***Intellectuality and Self Writing: (Auto)Biographical Traits in the Literary Work of O. G. Rego de Carvalho***

Pedro Pio Fontineles Filho

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí / Brasil

ppio26@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo principal deste estudo é compreender os traços (auto)biográficos na obra do literato O. G. Rego de Carvalho (1930-2013). Metodologicamente, o estudo fez a leitura analítico-interpretativa do universo documental, que foi composto pelo livro *Como e por que me fiz escritor* (1994), de livros em forma de antologias e fortuna crítica sobre a obra do literato. Como arcabouço teórico-metodológico, foram utilizadas as proposições de Bourdieu (2010, 2006), Chartier (2002), Certeau (2011) e Lejeune (2008), para pensar o “campo literário”, a biografia e a autobiografia. O estudo considerou, em linhas gerais, que a obra do literato é fulcral para pensar os elementos dinâmicos da escrita (auto)biográfica.

**Palavras-chave:** literatura; (auto)biografia; escrita; leitura; O. G. Rego de Carvalho.

---

<sup>1</sup> Orlando Geraldo Rego de Carvalho nasceu em 25 de janeiro de 1930, na cidade de Oeiras, antiga capital do Piauí. Mudou-se para a atual capital, Teresina, em 1942, onde concluiu seus estudos. Foi membro da Academia Piauiense de Letras – APL, ocupando a cadeira de nº. 06. Foi funcionário do Banco do Brasil, instituição pela qual se aposentou. Publicou os livros *Ulisses ente o Amor e a Morte* (1953), *Amor e Morte* (1956), *Amarga Solidão* (1956), *Rio Subterrâneo* (1967), *Somos Todos Inocentes* (1971), *Ficção Reunida* (1981) e *Como e por que me fiz escritor* (1989). Faleceu em 9 de novembro de 2013, na cidade de Teresina.

**Abstract:** The main goal of this study is to comprehend the (auto)biographical traits in literary work of O. G. Rego de Carvalho (1930-2013). Methodologically, the study did the analytical and interpretative reading of the documental universe, which was composed by the book *Como e por que me fiz escritor* (1994), anthology books and critical fortune about the literary work of the writer. As theoretical and methodological framework, the propositions by Bourdieu (2010, 2006), Chartier (2002), Certeau (2011) and Lejeune (2008) were used to think about “literary field”, biography and autobiography. The study considered, in general, that work of the literate is the key to think the dynamic elements of the (auto)biographical writing.

**Keywords:** literature; (auto)biography; writing; reading; O. G. Rego de Carvalho.

## 1 Introdução

[...] não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis [...]

(BOURDIEU, 2006, p. 190).

Os textos, em larga medida, não são uma criação com uma essência inédita ou inata. Todo texto mantém interlocução com alguma outra forma narrativa, seja ela textual, imagética, pictórica. Como destacou Michel Foucault (2008, p. 26), nenhum texto é uma unidade absoluta e hermética, pois “a obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea” (FOUCAULT, 2008, p. 27). Essa percepção indica que o livro, como elemento constitutivo da “obra” de um autor, está caracterizado por ser o “nó em uma rede”.

Os traços biográficos, conforme as proposições de Pierre Bourdieu, por meio de sua sociologia objetivista, devem ser entendidos como “colocações e deslocamentos no espaço social”. Nesse sentido, as diferentes formas de dizer e escrever produzem sentidos e significações que (re)criam as trajetórias de uma pessoa, assim como do escritor, em

suas múltiplas relações com os espaços nos quais se insere e com os quais dialoga e conflitua. Tal espaço social é o que constitui os pontos dos nós na rede e os textos são indícios dessa conexão. Conforme Gilberto Velho (VELHO, 1999, p. 46), os projetos individuais, assim, como os textos *a priori* são concebidos, terão o aspecto de sua interatividade ressaltado, pois mantêm relação com outros projetos, imersos em um campo de possibilidades.

A partir disso, o presente texto tem, como mote de análise, as relações biográficas e autobiográficas na escrita do literato O. G. Rego de Carvalho. Sua escrita, inicialmente vista e concebida como unicamente subjetivista, possui elementos que levam os críticos e estudiosos a se dividirem sobre os aspectos ficcionais e biográficos daquilo que escreveu. O próprio literato se posicionou sobre tais elementos, deixando margem para interpretações múltiplas acerca da questão.

Dessa forma, o presente texto está organizado em dois tópicos interdependentes: o primeiro aborda os aspectos da individualidade, do sujeito e de suas relações com a constituição do escritor-autor. No segundo, são discutidas as noções de biografia e (auto)biografia na constituição da escrita do literato.

## **2 Entre o Ser e o Escrever: outras dimensões da escrita**

As obras literárias, como destaca Abel Barros Baptista, estão circunscritas em uma rede de intencionalidades em meio a códigos compartilhados na “inter-relação entre as partes e entre cada parte e o todo, projetando a obra contra a resposta prevista de um leitor hipotético” (BAPTISTA, 2003, p. 189). Nesse sentido, aspectos (auto)biográficos de O. G. Rego de Carvalho são pertinentes para o vislumbre de sua escrita nos pontos de intersecção de tal “rede”. Muitos elementos podem ser relevantes na compreensão do que venha a ser a obra de um indivíduo, toando sua vida como ponto de interlocução com o meio e com seu círculo de relações. Dessa maneira, “pode parecer especialmente difícil acreditar-se nisto, quando o interesse é apenas por sua obra, e não pelo ser humano que a criou (ELIAS, 1995, p. 10). Por esse viés, pensar a história e a intelectualidade, a partir da escrita do literato nascido na antiga capital piauiense, é atentar para o aspecto de que a “relação do texto com o real constrói-se de acordo com modelos discursivos e recortes intelectuais próprios a cada situação de escritura” (CHARTIER, 2002,

p. 56). Situação tal que não se dá pelas harmonias, mas, principalmente, pelas tensões e (des)encontros de ideias e conceitos que são vinculados no seio de um campo intelectual.

Mais que a simplista postura de negar a existência do autor, Foucault amplia essa noção, asseverando quatro características básicas do que ele denominou de função autor. Sendo a quarta característica a que determina a função autor como a possibilidade de distinção entre os vários “eus” que cada indivíduo pode assumir na obra. Traçar um percurso pela vida e pelas narrativas do escritor é tentar localizar de que forma esses “eus” vão se constituindo anteriormente e ao longo de sua obra.

Assim, pensou-se como a escrita de si constrói a imagem do autor, imagem que pretende, mas nunca consegue convencer os leitores, visto que a imagem criada pela leitura possui traços independentes das intencionalidades de quem a compôs. Partindo da premissa de que para compreender a obra de um autor se faz necessário adentrar em certos aspectos de sua vida, algumas incursões foram feitas na vida do literato piauiense, o que não foi realizado com um trabalho que cria ou reforça a dicotomia entre autor e obra, visto que estes elementos se complementam. A proposta foi a de enveredar por suas relações com os espaços de intelectualidade e as maneiras e estilos de escrever sobre a cidade, os espaços, as relações humanas, os sentimentos, em suma, sobre a vida. Isso remete às reflexões que sinalizam que “a palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor” (FOUCAULT, 2002, p. 39). Buscar relações entre autor e obra é pensar nas implicações que intentam superar os extremismos de pensar a escrita por critérios unicamente internos ou externos ao texto.

Para falar de sua trajetória como escritor, o literato recorre a vários momentos de sua vida, apontando algumas circunstâncias de suas experiências como escritor. Pensar a trajetória do escritor, conforme assevera Bourdieu (2010, p. 96), é levar em consideração as infinitas relações envolvidas em tal percurso, atentando para o conjunto de agentes que constituem determinado campo intelectual. E, em tal travessia literária, há os elementos de sua constituição como autor nas relações entre a escrita, a publicação, a circulação, o consumo e, sobretudo, as leituras de seus livros.

No momento da primeira edição de *Como e por que me fiz escritor*, no ano de 1989, o literato já gozava, em certa medida, de reconhecimento, pois já era um escritor lido. No final da década de 1980

e início da de 1990, os seus três livros já estavam com mais de quatro edições, demonstrando que seu consumo era significativo. É desse lugar, de escritor já conhecido, que fala o literato. Vale lembrar que o livro *Como e por que me fiz escritor* foi a publicação impressa de sua palestra proferida no II Seminário de Autores Piauienses, ocorrido na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, no ano de 1988, publicado no ano seguinte. A palestra assumiu o sentido de não só falar das motivações para se tornar escritor, mas “corrigir” ou “rebater” as leituras feitas sobre sua obra, com as quais ele não concordava em sua maioria.

Seguindo tal lastro, é que se destaca que as aventuras de O. G. Rego de Carvalho, no universo das letras e da literatura, conforme ele mesmo destaca, tiveram início ainda na infância. Momento que, segundo ele próprio, já expressaria um dos seus traços mais característicos como escritor: o tom dramático. Além disso, temas como a morte e solidão já davam seus lampejos de que seriam recorrentes na sua escrita. Isso fica claro na seguinte fala:

Eu me lembro de que o primeiro trabalho que eu publiquei foi até um artigo de fundo sobre o descobrimento da América e terminava de uma forma que já antevia o escritor dramático que eu haveria de ser. Eu dizia assim, no fim, que Colombo, apesar de ter levado o ouro da América para o reino da Espanha, tinha morrido pobre e abandonado por todos. Essa tônica, Colombo pobre e abandonado por todos, que não deixa de ser uma forma de romantismo, já eu tinha aos 10 anos de idade, sem consciência de que ia ser escritor (CARVALHO, 1994, p. 28).

O que está em jogo, nessa ênfase feita por ele, é o esforço de demonstrar que suas marcas literárias teriam uma espécie de essência. Sua “genialidade” é ressaltada de maneira a não parecer sua autoexaltação, pois sua carreira de escritor, segundo ele, teria sido algo que aconteceu ao acaso, por acidente. Não se pode deixar de destacar que se trata de um discurso de alguém que pretende se legitimar, ou seja, é uma escrita de si.

Sua escrita não está dissociada de suas relações familiares, sobretudo no que diz respeito à maneira como escreve, ou melhor, no uso de termos e expressões que remetem ao Português colonial. Exemplo disso é o uso constante das palavras “cousas”, “loura”, “rapariga” e “quinta”. Além disso, suas relações familiares estão impressas na construção dos personagens, que, direta ou indiretamente, apontam para

os casos de problemas de saúde da família, bem como para o fato de sua mãe ter sido musicista. Segundo o literato, isso foi importante para suas escolhas na vida literária e até mesmo na musicalidade presente em seus escritos.

Sua erudição e seu apego às tradições de uma escrita culta têm suas bases na sua história familiar. Seu estilo pautado em uma escrita normativa rendeu-lhe inúmeras críticas, rotulando-o de “refém da gramática”. Para ele, o apego a uma escrita “gramatical” seria resultado das trajetórias familiares, de seus contatos com leituras que, desde a infância, lhes eram comuns. Ele diz, em entrevista de 1982, o seguinte:

Ainda sobre esse aspecto da linguagem, vou fazer outra confissão: eu nasci numa família que tem uma certa ambição de nobreza, de grandeza: tenho ancestral que foi barão do Império, tenho ancestrais ligados à colonização do Piauí, gente educada em Portugal: é Ribeiro Gonçalves, é Barbosa de Carvalho; é Coelho Rodrigues... De forma que a gente se deixa influenciar também por esse tipo de coisas (CARVALHO, 1982, p. 20).

A linguagem não se trataria somente de um recurso estilístico ou estético em sua narrativa. A linguagem seria condição de expressão de sua vida. Fazendo referências à “ambição de nobreza” de sua família, o escritor piauiense tenta localizar, social e historicamente, sua escrita. A história é retomada pelo autor como uma forma de ter no presente as raízes de um passado glorioso. Uma glória que remete a grandes periodizações da história nacional. São indicações de um passado mais longínquo e que, para alguns críticos, não explicariam em nada sua aproximação com a erudição e com leituras diversas. Por essa razão é que ele prossegue:

Meu pai, por exemplo, era apenas comerciante, mas lia em francês e vivia a corresponder-se com um ilustre professor que morava em Simplício Mendes, Da Costa Andrade, que era amigo de Jorge Amado. Os dois trocavam livros, discutiam obras, comentavam as novidades. De tudo isso, ficou também alguma influência (CARVALHO, 2007b, p. 325).

Algo de interessante nessa observação sobre a capacidade intelectual de seu pai não é apenas chamar atenção para o seu contato com o “ilustre professor”, que, para ter sua importância legitimada, é mencionado como amigo de Jorge Amado. Seria uma tentativa de

legitimidade por derivação e não por merecimento. O escritor busca indícios de sua genialidade por meio da genealogia. Ainda sobre essa dimensão da genialidade, O. G. Rego de Carvalho se posiciona na tentativa de distinguir um gênio de um louco. Para ele,

Loucura é mesmo alienação mental. Mas isso não impede que conviva com a genialidade, que é também uma forma de exacerbação da personalidade. Segundo Aristóteles, não existe nenhuma grande obra sem uma ponta de loucura. E eu, de mim, antes de conhecer o filósofo, já contestava a razão na literatura, pois, se serve de esteio aos pensadores, é a morte do artista (CARVALHO, 2007a, p. 316).

Mesmo fazendo referência a Aristóteles, ele faz questão de enfatizar seus posicionamentos, para não endossar nenhuma possibilidade de filiação teórica ou narrativa. A pergunta que foi feita por Pompílio Santos<sup>2</sup>, e respondida acima pelo escritor de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, está ligada às especulações feitas pela crítica da época, que dizia que a loucura não era apenas tema desenvolvido nas obras do escritor, mas era a manifestação da própria condição de esquizofrenia de O. G. Rego de Carvalho. A crítica reforçava essa especulação com o intento, mesmo que velado, de desabonar as qualidades de sua escrita, especialmente a genialidade que a ele começou a ser atribuída. Para ele, qualquer tipo de alienação não impediria o despertar da genialidade. Esse misto de genialidade e loucura o acompanhou durante sua atuação em algumas instituições.

Nesse sentido, nos rastros de sua tentativa de fugir de qualquer tipo de filiação ou vinculação, destaca-se outra dimensão da vida do autor piauiense, que se refere a sua relação com o Banco do Brasil, órgão no qual trabalhou e pelo qual se aposentou. Muitos literatos, ao longo da história da literatura brasileira, quase sempre se utilizaram de recursos e espaços cedidos por instituições várias para a produção ou divulgação de suas obras. O. G. Rego de Carvalho comenta essa passagem de sua vida como algo que não pode ser confundida com sua constituição como

---

<sup>2</sup> Jornalista e Presidente da Associação Brasileira de Escritores – Secção do Piauí. A ABE-PI funcionou de 1947 a 1950. O. G. Rego de Carvalho foi membro dessa associação, mas logo foi desligado dela por não concordar com as formas de ingresso de membros.

autor. Para ele, não haveria espaço para as duas dimensões, para duas “vidas”. Não era possível misturar duas realidades, que, segundo ele, eram de matrizes diferentes, de mundos diferentes. Para ele, o mundo prático e pragmático das finanças não tinha nada a ver com o mundo da criação e da inventividade da literatura. Além disso, o literato não queria que pensassem que sua obra era publicada somente por suas boas relações dentro do trabalho no banco. Ele pretendia a imagem de um escritor publicado e consumido pelo reconhecimento da qualidade de sua obra.

### **3 Para além do “eu”: a escrita entre a biografia e autobiografia**

O. G. Rego de Carvalho pretendia ter sua obra reconhecida de forma “independente”. Sua escrita deveria ser valorizada pelo seu teor, pelo seu alcance, pelas sensibilidades que intentava despertar. Não queria ter sua escrita balizada pelo peso de uma instituição, ainda mais de cunho financeiro e de tão grande reconhecimento como o Banco do Brasil. Isso não significa que o escritor piauiense não tenha o seu respeito e seu agradecimento ao banco, pelo contrário, ele é profundamente grato. Por outro lado, sua escrita está ligada à sua vida, às suas relações com o mundo e com os espaços de produção intelectual, como ele faz questão de ressaltar:

Eu escrevi “Ulisses entre o Amor e a Morte” dos 19 aos 23 anos de idade. E todo primeiro romance do escritor é um romance autobiográfico, não há por onde fugir. Por isso, há muito da minha vida pessoal nessa obra. O pai do personagem morre no começo do livro. A família se muda para Teresina, como aconteceu na minha vida (CARVALHO, 1994, p. 38).

O caráter autobiográfico não desabona o texto do escritor, assim como, provavelmente, não o torna melhor que outros textos. Deve ser visto como mais um traço que constitui a escrita do autor. Entretanto, O. G. Rego de Carvalho faz questão em enfatizar que “todo primeiro romance do escritor é um romance autobiográfico” para rebater as críticas que seu texto sofreu inicialmente. Críticas que partiram dos especialistas piauienses, que esperavam, de certa maneira, um texto com traços mais regionalistas. Em grande medida, o livro contrariava tal expectativa, pois era de teor autobiográfico, alicerçado nas dimensões psicológicas. Tem-se, nesse momento, o começo dos impasses entre o autor e os espaços



de intelectualidade, visto que a crítica local esperava que um escritor piauiense escrevesse sobre temáticas como a fome, a seca, a pobreza. O. G. Rego de Carvalho escrevia com traços autobiográficos, dando ênfase à loucura, à solidão, ao amor, à morte. É nesse sentido que o literato pretendia se opor aos limites regionalistas imaginados por seus pares.

Como problematizar a autobiografia como uma escrita de si? De que maneira elementos mnemônicos compõem possibilidades de compreensão das experiências de uma pessoa? Uma das saídas, que não é a mais simples ou definitiva, é tomar a autobiografia como sinalização de práticas discursivas que se instauram em meio a configurações e aspectos sócio-históricos. As autobiografias, como memórias e como discursos, apresentam, em meio aos silenciamentos, indícios para as leituras de temporalidades e espacialidades. Há que se atentar que no universo das narrativas autobiográficas se entrecruzam “realidades”.

Tomando-se a autobiografia como estilo ou marca da narrativa de O. G. Rego de Carvalho, sobretudo em seu livro *Como e por que me fiz escritor* (1994), é pertinente lembrar as discussões levantadas por Philippe Lejeune (2008, p. 38), quando destaca a complexidade que envolve os textos autobiográficos e as biografias, de maneira geral, especialmente no que se refere às conceituações e aplicabilidades desse gênero narrativo. Ele lembra que, *a priori*, a autobiografia pressupõe um total compromisso e expressão da verdade e da realidade. Contudo, tal compromisso não pode ser encarado como o alcance inquestionável da verdade em si. Mesmo a autobiografia indicando o atestado que o autor apresenta para as informações e comentários sobre si mesmo, há várias dimensões de discurso, memória, temporalidade, realidade e verdade que devem ser analisadas pelos pesquisadores no intuito de não tomar o texto autobiográfico como o fato real, como o vivido em sua apresentação verídica e imaculada.

Para Lejeune (2008, p. 48), o pacto autobiográfico se caracteriza pela identificação entre o autor, o narrador e o personagem principal, o que, no caso de O. G. Rego de Carvalho, pode ser visto em seus livros, ora com mais, ora com menos intensidade, sobretudo tomando *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), que é, para muitos críticos, e em certos momentos para o próprio autor, o seu livro mais “autobiográfico”. Contudo, O. G. Rego de Carvalho, em geral, não aceita os comentários que dizem que seus livros são somente autobiográficos. Vale enfatizar que, lembrando alguns elementos, que segundo Lejeune (2008, p. 65), constituem o pacto

autobiográfico, nem todos estão presentes nos romances de O. G. Rego de Carvalho, especialmente no tocante ao item que fala da identificação entre autor e narrador, sendo que o narrador é protagonista, ou seja, conta a história e participa dela. Por esse aspecto, é mais pertinente dizer que o texto autobiográfico *Como e por que me fiz escritor* (1994), muito embora não se trate de um romance propriamente dito, apresenta um conjunto de narrativas memorialísticas, bem como orientações de como “ler e interpretar” sua obra. O pacto autobiográfico em O. G. Rego de Carvalho dar-se-á na fricção dos elementos presentes nos seus romances e no seu livro de memória, *Como e por que me fiz escritor*. Nos romances estão presentes as experiências dos personagens, que são identificados com o autor na medida em que as memórias e a vida dele são apresentadas por ele mesmo ao se explicar como se tornou escritor.

Nesse sentido, o pacto autobiográfico surge não diretamente em seus romances, mas no momento da aproximação deles com seus outros textos, assim como em suas falas e entrevistas. A partir de tal contato entre romances e memórias surgem alguns aspectos da autobiografia em O. G. Rego de Carvalho, visto que esse gênero se trata de uma narrativa introspectiva, na qual a pessoa que realiza a escrita está implementando uma reflexão sobre suas experiências, desde as mais íntimas até as mais públicas. Isso não quer dizer que a “obra completa”, ou cada livro específico, seja autobiográfico, mas ela constitui indícios que ajudam a compreender traços da autobiografia. As experiências do autor são atravessadas pela sua intimidade como adolescente, algo presente em seus três principais romances, especialmente em *Ulisses ente o Amor e a Morte* (1953), e sua vida como escritor e suas relações com o universo da intelectualidade piauiense e nacional.

O que se pretende dizer aqui é que o pacto autobiográfico não está facilmente disposto na obra de ficção do escritor, pois, como adverte Lejeune, não é fácil conceituar a autobiografia, nem é fácil, também, propor uma fórmula ou esquema hermético para sua análise. A autobiografia se dá nos enlaces do texto, do autor, do leitor e das temporalidades que engendram tal relação. É preciso descobrir os limites em se transitar nas páginas da vida de seus romances e na ficção de suas memórias, pois nos romances podem existir – não necessariamente – inúmeros traços da memória e de sua vida, bem como nas memórias há traços de ficção, ou melhor, de seleção, pois a memória é seletiva.

Tanto em seus romances, como no livro de memórias, aparecem características do texto autobiográfico. Isso pode ser visto no enredo do romance autobiográfico que não se baseia no “curso típico e normal de uma vida, mas em momentos típicos e fundamentais de qualquer vida humana: o nascimento, a infância, os anos de estudo, o casamento, a organização de um destino humano, os trabalhos e as obras, a morte, etc” (BAKHTIN, 1997, p. 231-232). A dimensão autobiográfica, desse modo, não pode ser pensada fora das suas referências a certas características do ser humano. Características como a infância, anos de estudo e a morte estão presentes em *Ulisses entre o Amor e Morte* (1953) e em *Rio Subterrâneo* (1967), mas que são tomadas como sendo de matriz autobiográfica a partir das memórias e comentários feitos em *Como e por que me fiz escritor* (1994), que, por sua vez, traz as características dos trabalhos e das obras de um romance autobiográfico. Com isso, as argumentações de Lejeune (2008, p. 71) sobre a complexidade de definições e caracterizações da autobiografia se acentuam, pois tal gênero se manifesta nas redes narrativas e nas tramas da textualidade.

A escrita de O. G. Rego de Carvalho em seus romances flerta com a autobiografia sem a ela se entregar passivamente. As projeções de si e de sua imaginação, como ele mesmo diz em algumas de suas entrevistas e em seu livro de memórias, alimentam as possibilidades de interpretação, sem, contudo, perder de vista as suas intenções de “controle” ou autorização das leituras que são feitas sobre seus livros. Por esse diapasão, buscar a lógica da autobiografia como obra de arte do campo intelectual e literário “é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual ela também é sintoma” (BOURDIEU, 2010, p. 13-14). Tal intencionalidade não se refere unicamente aos desejos do artista, do literato, pois há os elementos presentes e atuantes do campo artístico, que, mesmo sendo criticado ou negado, ainda assim é um dos pontos de partida e de compreensão da obra produzida. Contudo, é mister ponderar que, mesmo mediante os ditames sociais e da realidade, tal “realidade com a qual comparamos todas as ficções não é mais que o referente reconhecido de uma ilusão (quase) universalmente partilhada” (BOURDIEU, 2010, p. 50). A realidade, como referente para a ficção, é experimentada e (re)construída, inclusive, pela própria ficção, em um sentido de referência e de criação, tendo, nessa relação, os jogos e as “regras da arte”. É nessa fricção entre real e realidade, referente

e representação, escrita, leitura e interpretação, produção, circulação e consumo que se inscrevem as dinâmicas do campo intelectual e artístico.

Por tal razão, ao escrever sua autobiografia, mesmo que diluída em seus livros, O. G. Rego de Carvalho intenta recriar a si mesmo, conduzindo, inclusive, as imagens, ideias e pensamentos que são feitos sobre ele e sobre sua escrita. Nessa dimensão de realidade e de ficção imbricadas, a dimensão autobiográfica da escrita de O. G. Rego de Carvalho se instaura. Significa dizer que a autobiografia se insere, também, nos atravessamentos de identidades e temporalidades, pois seria o ato do pensamento, em sua fase de colocar em julgamento as ações e experiências, como uma tentativa de retomada do tempo e preenchimento das lacunas deixadas. A autobiografia busca, também, certa lógica para o “caos” das vivências de uma pessoa, norteador, dessa forma, os olhares e leituras que são feitas sobre o autor e sua obra. Limites de interpretação, ou interpretação direcionada, podem ser objetivos de autobiografias, pois organizam a vida de alguém em uma sequência narrativa.

Por tal prisma, a escrita de O. G. Rego de Carvalho está composta, como qualquer discurso e texto, de realidades concorrentes entre si. Realidades próximas às experiências vividas do escritor e realidades que se referem aos seus desejos. Isso é ainda mais tônico no que tange aos textos literários, especialmente os do literato em análise, que falam de seus livros como carregados de linhas autobiográficas, mas que não o são somente isso.

“Muita gente lê os meus livros e pensa que tudo é autobiografia” (CARVALHO, 1994, p. 43). Questionando essa postura em relação aos seus romances, ele assim diz: “Mas eu não escrevi minha autobiografia. Eu fiz foi um romance, dando ao que escrevo uma sensação de realismo tal que o leitor tenha a impressão de estar lendo algo real, embora haja um simbolismo” (CARVALHO, 1994, p. 44). Ele tece uma defesa da literatura por ele feita, buscando enfatizar suas diferenças de um relato. Essa sua defesa, em princípio, contrariaria o seu próprio discurso, pois, ao se referir a *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), admite que se trata de um texto de um romance autobiográfico. Isso levou os leitores, especialmente os críticos, a enquadrarem todos os seus romances como sendo autobiográficos.

Mas como a autobiografia é valorizada ou não em determinada circunstância? No instante da publicação da primeira edição de *Como e por que me fiz escritor*, em 1989, a autobiografia, pelo menos a do literato, parecia ser importante para os críticos e intelectuais. Para O. G. Rego de Carvalho,

O que falta na maioria dos autores do Piauí é esta sinceridade. É esta coragem de expor as dores, os pensamentos, aquilo que está lá dentro, no abismo da nossa mente, e os nossos fantasmas. Todos nós temos fantasmas e precisamos exorcizá-los de vez em quando, expondo-os na obra de arte (CARVALHO, 1994, p. 45).

Mais uma vez o romance do escritor se aproxima de seu teor autobiográfico. Então por que ele não diz que sua obra é autobiográfica? Admitir que seus livros são autobiográficos seria admitir sua pouca habilidade criativa, pois, no imaginário do campo artístico, o bom artista (escritor) seria aquele que busca fora de sua “realidade” os motivos de sua narrativa. Não se pode atribuir à autobiografia toda e qualquer manifestação da psique humana. Expressar ideias, pensamentos, angústias é comum aos homens e isso significaria, então, que cada ser humano produz sua autobiografia. O ato de falar, de vestir, de andar, de gesticular são externalizações de pensamentos, o que seria também uma autobiografia. São necessários mais elementos para que ela seja vista como uma categoria de (re)construção ou arquivamento de si.

O literato percebe a vinculação de um escritor a uma escola literária ou a uma geração como um mecanismo que trata o tempo de forma linear. Seus livros, como ele afirma, são realizações que se opõem ao tempo linear. Essa postura “combativa” em relação ao tempo se assemelha ao combate travado por Henry Miller. De acordo com Daniel Rossi e Edgar Cézár Nolasco, “o empreendimento milleriano é um grande combate travado contra todas as transcendências: e a maior delas, a que nos coloca em uma ordem e possibilita a experiência: o Tempo” (ROSSI; NOLASCO, 2010, p. 09). No entanto, o combate se dá contra o tempo linear e cronológico, sendo, então, o objetivo de Miller o “tempo livre, liso: espaço nômade de mutação”. O. G. Rego de Carvalho busca um “tempo livre” para pensar a si mesmo e a sua obra. Ele afirma:

Eu entendo que a vida de uma pessoa não começa nem termina com morte; antes houve o feto, depois haverá a repercussão da morte dele, na família e na sociedade. O romance, como conceito, não é senão um fragmento da vida. Ele não pega a vida inteira, e onde quer que ele termine, termina bem. Meus livros não têm, a rigor, nem começo nem fim (CARVALHO, 2007d, p. 310).

O “todo caótico” dos livros do literato não indica incoerência, só não há a restrição por parte de “uma ordem imutável nos assuntos humanos” (ROSSI; NOLASCO, 2010, p. 03). *Rio Subterrâneo* (1967), por exemplo, tem sido interpretado pela crítica como um livro sem linearidade, pois seus capítulos não seguem uma cronologia.

Quando Orlando Geraldo Rego de Carvalho passa a usar a abreviação, um nome artístico-literário, ele está se inscrevendo em outra dimensão de existência, pois ele não seria visto somente como o indivíduo, mas, dali em diante, seria conhecido como o escritor, o literato. Não haveria, como de fato não houve, a separação, mas a valorização intencional de sua identidade como escritor. Tal situação interliga identidades: aquela que se vincula entre o sujeito e aquela ligada ao autor. Ademais, é possível pensar que o nome próprio, em sua proliferação como nome também artístico, agrega elementos “através dos quais o dizer está no seu limite, o mais próximo do mostrar” (CERTEAU, 2011, p. 109). Ou seja, no processo mesmo de “surgimento” do literato no âmbito da “literatura piauiense”, a prática do jogo com o nome próprio dá corpo aos discursos de (re)constituição do sujeito, em uma outra representação. Dessa maneira, o dizer, por meio da escrita, ou mesmo pela fala, do nome do escritor, como autor, assume a forte tendência de que o mostrar, em várias situações, substitui o significar. O sujeito Orlando não de existir, a não ser com sua morte física, apenas o sujeito físico desaparece. O sujeito escritor permanece, sobretudo pela materialidade de seus livros e pelas críticas dos especialistas, que o inscreveram na memória e na história da literatura. Ele é (re)significado no intuito de apresentar, de mostrar um outro viés de tal sujeito. O sujeito Orlando cede espaço para que o nome, a figura O. G. possa viver para além da finitude material do próprio Orlando.

“O. G.” tornou-se um personagem sobre o qual intrigas e mistérios começaram a surgir acerca de sua escrita e sobre a sua própria vida e isso se manifesta nas nuances de sua (auto)biografia. Há o trânsito entre os traços e elementos de um nome próprio a outro, ocorrendo, de

maneira gradativa, certa prevalência do personagem, o que não significa o completo fim da individualidade, que existe como referência para que o personagem possa se legitimar. Isso se explica, em parte, pela condição primeira da produção, pois não há personagem, não há nome artístico, se não houver previamente aquele que cria. Ao passo que a individualidade (sujeito) engendra a existência do personagem (nome artístico), este garante que aquele não se perca no esquecimento oriundo do fim material do corpo. Ocorre, nessa relação, a circularidade, uma troca entre esses dois “sujeitos” que compõem a autoria do escritor.

Assim, O. G. Rego de Carvalho intenta superar o tempo linear, realizando o entrecruzamento de temporalidades, nas quais há a “morte” do sujeito ao passo que fortalece o “nascimento” do sujeito autor. O nome próprio artístico-literário tem a função de localizar no passado uma espécie de marca, de emblema, de símbolo, através do qual a obra seja pensada por um nome e, de tal maneira, que o sujeito seja eternizado pelo seu correspondente artístico. A “arrumação dos ausentes”, mencionada por Michel de Certeau, destaca que a arrumação não se dá com os corpos físicos, mas com os elementos discursivos que se dão a “mostrar” sobre o passado, ou seja, como a escrita acaba por domesticar o passado. Trata-se, em grande medida, de falar da “arrumação dos ausentes presentes”, pois, ao remeter a um sujeito, o nome artístico faz algo semelhante, visto que o nome artístico-literário do escritor piauiense cria laços entre o sujeito (Orlando Geraldo Rego de Carvalho), o autor (O. G. Rego de Carvalho) e o leitor (que varia no tempo e no espaço, a partir de circunstâncias políticas, econômicas, educacionais, culturais, sociais). Mais que isso, o nome busca lidar com outro passado, pois o nome artístico-literário se propõe como o “novo” que cria um presente, uma “nova pessoa”. Isso “instaura uma relação didática entre o remetente e o destinatário” (CERTEAU, 2011, p. 109), que é o leitor, seja qual for a situação ou a temporalidade.

O. G. Rego de Carvalho, como nome artístico, é o simulacro de uma morte que ainda não se processou fisicamente, mas que, inevitavelmente, isso acontece com qualquer ser vivo. O nome próprio artístico é a antecipação dessa morte para que a escrita possa nascer sem a necessidade primeira da morte do corpo. É o cruzamento dos tempos, o futuro se instaurando no presente e relacionando um passado.

Traçar a biografia de uma pessoa é notar que a “biografia visa a colocar uma evolução e, portanto, as diferenças” (CERTEAU, 2011, p. 297) que se manifestam não somente ao longo da vida, mas, principalmente, as diferenças dela com as demais. A biografia, então, cria suportes que tornam a pessoa como única, mas que apresenta traços que a aproximam das demais que fazem parte do mesmo grupo ou que compartilham de ideias ou de práticas relativamente comuns ou semelhantes. É no destaque das diferenças que se percebem não só as exclusões, mas as inclusões da pessoa no grupo e na sociedade, ou seja, a biografia revela as tensões entre as diferenças e semelhanças. Nessa perspectiva, quando O. G. Rego de Carvalho relata, por meio da (auto)biografia, suas origens e interesses como escritor, ele pontua as diferenças que o aproximam e o distanciam dos demais sujeitos no campo da intelectualidade “piauiense”.

Por tal razão, mas não somente por isso, é que a História se aproxima da Literatura, ou mais especificamente, da produção intelectual. A História, no sentido mesmo da pesquisa e da prática escriturística, está circunscrita pelo lugar que define seus procedimentos. O historiador está indissociavelmente ligado a um corpo (técnico, acadêmico, institucional). De maneira análoga, a escritura nos espaços de intelectualidade pode ser pensada e visualizada na imersão no corpo que a legitima. Quando a prática historiográfica ou literária oscila muito para “fora” desse corpo é o sinal de que ou o fazer está destoante, ou a historiografia, tal qual a escrita literária, precisa repensar as suas metodologias. É na aparente cisão entre o que é “permitido” e o que “proibido” pelo lugar de partida da pesquisa, da narrativa e dos discursos, que a escrita e atuação de O. G. Rego de Carvalho irrompem, vistas, *a priori*, como subversão ao lugar institucional e intelectual.

São os jogos e disputas das permissões e proibições que definem, em parte, os espaços de produção, circulação e consumo da obra do escritor. O. G. Rego, mesmo sendo visto como um excelente escritor, pelo menos posteriormente aos seus primeiros textos, carrega o “estigma” de ser um escritor que não aceita os limites do “lugar”. Não só no sentido do texto, mas nos espaços físicos, como é o caso da Academia Piauiense de Letras, lugar do qual faz parte, mas lugar com o qual o escritor manteve uma relação entre o respeito e as discordâncias. A escrita do literato se



enverada nos meandros da história da escrita literária piauiense, da própria história, pois “a articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade” (CERTEAU, 2011, p. 64). As análises que surgem a partir dos atos narrativos<sup>3</sup> de O. G. Rego de Carvalho são invariavelmente enredadas pelas relações sociais e institucionais às quais remetem.

Para olhar a vida do escritor O. G. Rego de Carvalho é preciso considerar que sua vida se inscreve na vida de um grupo, seja de intelectuais, seja de leitores-consumidores. Como ressalta Michel de Certeau, essa vida faz supor “que o grupo já tenha uma existência” (CERTEAU, 2011, p. 292). Mas “o grupo” não tem existência já determinada. O “grupo” vai se fazendo por aqueles que vão fazendo o grupo existir. Nesse sentido, está na vinculação entre a imagem do escritor e o lugar que ele ocupa. A escrita de O. G. Rego de Carvalho, vista em sua inteireza entre o escrito e a atuação do escritor, dão os indícios para a visualização dos espaços de sua circulação como intelectual. Assim, “o próprio itinerário da escrita conduz à visão do lugar: *ler é ir ver*”. (CERTEAU, 2011, p. 302, grifo original). Na leitura dos textos produzidos pelo escritor, é possível chegar às tensões que tal escrita impulsionou e que dariam, de certa forma, elementos para a constituição de sua identidade como autor.

A loucura apresentada na narrativa dos livros de O. G. Rego de Carvalho sinaliza para uma realidade e uma temporalidade nas quais os comportamentos alienados não eram considerados como uma preocupação de saúde pública ou com vieses humanistas. Nesse sentido, não se pode analisar a loucura presente em sua escrita sem atentar para as configurações históricas do período de localização da escrita. Dessa maneira, “o sentido de um elemento, na verdade, não é acessível senão através da análise de seu funcionamento nas relações históricas de uma sociedade” (CERTEAU, 2011, p. 314). Por essa perspectiva, a história não começaria senão com a “nobre palavra” da interpretação. Nesse sentido, a interpretação faz parte do trabalho do historiador, que faz, mediado pelas técnicas inerentes ao seu labor, o objeto ter significações. Essa mesma interpretação é retomada nas análises que são feitas sobre a escrita de O. G. Rego de Carvalho, seja sobre a forma, seja sobre o conteúdo.

---

<sup>3</sup> Por “atos narrativos” compreendem-se não só os textos publicados em livros, mas aqueles de jornais, revistas, além de entrevistas e discursos que constituem o pensar do literato sobre o fazer literatura.

Tal interpretação se materializa, em grande parte, naquilo que dá voz ao papel da crítica literária, mas não impedindo as representações que também são feitas pela dimensão parceira da imagem, da arte, no que se refere às ilustrações das capas dos livros do literato. Dessa forma, a interpretação está no falar, no escrever, no sentir, ou seja, no representar a narrativa do autor, pois sem a interpretação, a própria literatura deixaria de expressar uma de suas principais características, que são as possibilidades. Contudo, no universo da história, assim como no âmbito da produção literária e da crítica literária, as interpretações não devem, e não podem estar dissociadas dos aspectos técnicos, representados, em demasia, pela metodologia.

É importante pensar que O. G. Rego de Carvalho, ao repensar sua trajetória por meio da autobiografia, coloca-se no seio de uma prática que está presente em outros escritores, como, por exemplo, José de Alencar e Gilberto Freyre. O primeiro escreveu *Como e porque sou romancista* em 1873 e o publicou em 1893; o segundo, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, publicado em 1968. Alencar, em forma de carta, fala que o seu texto remete a “alguns pormenores dessa parte íntima de nossa existência, que geralmente fica à sombra, no regaço da família ou na reserva da amizade” (ALENCAR, 2005, p. 11). Freyre, pedindo licença aos literatos, diz-se, no somatório de suas “identidades” como sociólogo e antropólogo e também como não sendo. Ele mesmo faz referência a esse tipo de texto, o autobiográfico, mencionando que isso já havia sido feito por José de Alencar e diz que, diferente do se dizer romancista, dizer-se sociólogo não era tão fácil (FREYRE, 1968, p. 41). O. G. Rego de Carvalho também menciona o livro de José de Alencar:

Esse tema como e por que me fiz escritor não é novidade. Já no século passado, José de Alencar escreveu um livro – que não li – chamado “Como e por que sou romancista”. José de Alencar escreveu esse livro para contestar a crítica que se fazia a ele, dizendo que era um escritor poético. José de Alencar não gostava dessas comparações, não. E dizia: “Eu sou é romancista, eu sou é prosador” – quando eu acho que chamar um prosador de poeta é um dos maiores elogios que se possa fazer, porque em geral os prosadores se inspiram nos poetas e quando o romancista serve de inspiração para outros escritores, outros poetas, é porque também é poeta (CARVALHO, 1994, p. 17).

Mesmo afirmando que não havia lido o livro de José de Alencar, o literato fala do objetivo contido no livro: contestação da crítica. O. G. Rego de Carvalho dá destaque a esse objetivo, que ele diz ser o principal do livro de José de Alencar, para, de certa forma justificar o mote de sua palestra e, posteriormente, de seu livro: as suas defesas em relação às críticas sobre a sua obra. Essas críticas se manifestariam em vários “usos” da literatura. Além disso, o livro autobiográfico dos três escritores sinaliza para uma prática comum ao fazer literário, é uma questão de campo, no qual a crítica é elemento de cruzamento. O. G. Rego de Carvalho tem, nos livros dos dois intelectuais, publicados anteriormente ao seu, as diretrizes de linhas argumentativas.

No processo de sua construção como escritor, O. G. Rego de Carvalho teve de lidar com os questionamentos sobre a “localização” de sua escrita. Esse conflito de definição dos limites entre o regional e o local é acirrado pelo literato, ao ser questionado sobre essa vinculação:

– Não fui testemunha de violências, de cangaço, nem de seca. Não sofri na pele o drama de José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos ou Raquel de Queiroz. Desde muito novo lutei contra a angústia, entre o amor e a morte, daí, porque o sentimento do mundo, a introspecção, a análise psicológica (sem Freud, como ressaltou a crítica) predominam em minha ficção, por muitos considerada mineira. De resto romance nordestino precisava de rumos novos e eu sou, no dizer de Paulo Dantas, justamente um renovador dessa literatura (CARVALHO, 2007a, p. 300).

Ao se posicionar dessa forma, o literato admite que é preciso vivenciar, mesmo como observador, os acontecimentos no mundo “real” para compor o repertório narrativo. Daí a razão pela qual ele chama atenção para a sua “luta”, o que expressa a dimensão autobiográfica de seus livros. É interessante como o literato intenta ampliar os espaços de seus textos, fazendo questão de lembrar o comentário de que sua ficção também é “considerada mineira”. Isso parece oportuno para o literato, visto que a entrevista seria publicada em jornal que circulava na capital de Minas Gerais, pois o entrevistador era escritor e crítico, nascido na cidade de Alvinópolis, Minas Gerais. Arremata sua resposta destacando o comentário de Paulo Dantas, escritor e crítico nascido em Sergipe,

que o considera um escritor de renovação, de vanguarda. Isso, talvez, compusesse mais um dos seus argumentos, conscientes ou inconscientes, que o absolvía de classificações.

#### **4 Dos desejos de escrever e se inscrever**

As lutas de definição (ou de classificação) têm como aposta fronteiras (entre os gêneros ou as disciplinas, ou entre os modos de produção no interior de um mesmo gênero), e, com isso, hierarquias. Definir as fronteiras, defendê-las, controlar as entradas, é defender a ordem estabelecida no campo [...]

(BOURDIEU, 2010, p. 255).

Entre os escritores que faziam parte da Geração Meridiano, O. G. Rego de Carvalho era o mais jovem, mas não o menos atuante. Sua maior aparição nos periódicos da cidade de Teresina se deu vinculada ao Centro Estudantil Piauiense<sup>4</sup> e no Caderno de Letras Meridiano, o qual ajudou a fundar. O escritor até chegou a participar de algumas reuniões do grupo Arcádia, fundado em 1945, e que tinha em Manuel Paulo Nunes sua liderança mais expressiva. Naquele período, O. G. Rego de Carvalho era bem jovem, com apenas 15 anos de idade e estava cursando o ensino secundário.

O Centro Estudantil Piauiense foi um espaço no qual o escritor teve contato com debates e com homens envolvidos com a vida cultural, social e política de Teresina e do estado do Piauí. O Centro foi fundado em 15 de janeiro de 1935, mas com uma existência instável e efêmera. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, houve

---

<sup>4</sup> Alguns membros do Centro Estudantil Piauiense foram: Carlos Alberto Serra, Raimundo Alves de Sousa (Macabeu), Francisco Benvindo da Silva, esses ligados ao PCB, e simpatizantes como Francisco Bento e Francisco Félix. Havia a direita minoritária, chefiada pelo jovem integralista Odoastro Baltazar Nobre. Além desses, Antônio Ribeiro Dias, Severo Maria Eulálio, José Camilo da Silveira Filho, Vespasiano José de Rubim Nunes, O. G. Rêgo de Carvalho, Manoel Paulo Nunes, William Paula Dias, Francisco das Chagas Ribeiro Magalhães, Vespasiano Nunes, Pedro Mendes Ribeiro, Raimundo Wall Ferraz, Osvaldo Castelo Branco, José de Arimatéa de Sousa Lima (foi presidente em 1958), Ferdinand Bastos de Paiva, Wenar Pereira Lopes e Raimundo Ramos.

uma ebulção de debates no meio dos grupos estudantis, inclusive em Teresina. Isso impulsionou, também, a reativação do Centro Estudantil Piauiense, exatamente no ano de 1947. A nova sede, localizada na Rua Areolino de Abreu, em Teresina, foi cedida pelo interventor do Piauí, o professor Waldir Gonçalves. Durante dez anos, ali ocorriam as reuniões que discutiam sobre assuntos diversos, com destaque para política.

No ano de 1949, especificamente entre os meses de abril e junho, O. G. Rego de Carvalho esteve na condição de presidente do Centro Estudantil. Ele ficou até o dia 12 de junho daquele ano, quando houve eleições para a composição de nova Diretoria do Centro. Em seu pleito houve algumas ações que marcaram esse período de ressurgimento e renovação do Centro. O jornal *O Piauí*, de 12 de abril de 1949, anuncia que os estudantes haviam alcançado uma grande conquista, pois foi lançada a Lei municipal nº 64, de 30 de março de 1949. Na referida Lei, admitia-se que a carteira emitida pelo Centro Estudantil Piauiense servia como identidade estudantil válida. No mesmo período, ainda na presidência de O. G. Rego de Carvalho, o Centro recebeu a notícia de que contaria com o montante de cento e cinquenta mil cruzeiros para o prosseguimento da construção da Casa do Estudante. O auxílio viria de recursos do Ministério da Educação e Saúde, incluídos na proposta orçamentária para o ano de 1950.

Sua atuação, mesmo que breve, na presidência do Centro Estudantil lhe permitiu manter contato com outros homens ávidos por se expressarem. O meio para isso eram os periódicos que circulavam na cidade. Dessa maneira, o escritor começa a ganhar espaço nos jornais locais, tendo maior destaque sua inclusão como colunista do jornal *O Piauí*, na seção Vida Social. É no dia 09 de julho de 1949 que esse jornal traz o texto do escritor, intitulado de “Lembrança da Arcádia”, como seu texto de estreia no jornal. No texto, ele rememora:

Quando, às vezes, observo o lançamento de mais uma revista dos novos, me vem intempestivamente a lembrança da Arcádia. Há alguns anos a turma se reunia na Praça Pedro II, para falar de literatura. Éramos diletantes, confesso, mas nos animava a esperança de escrever e ser lidos. Afastado, um pouco, porém tomando parte nas palestras e devaneios, estava o partido dos que não aderiram à Arcádia, constituído do poeta Hindemburgo Dobal, José Camillo Filho e Eustáquio Portella. Dentre nós, os que

mais se destacavam eram o romancista Vítor Gonçalves Neto, M. Paulo Nunes e Afonso Carvalho. Enquanto a Arcádia cogitava de lançar uma revista, a outra turma cuidava de tirar um jornal, cujo nome seria, ao que me lembro, *Cascalho*. Mas, nem uma nem outra atingiu suas pretensões, pois o grupo se dispersara. O Vítor enterrou seu *Santa Luzia dos Cajueiros* e passou a elogiar Assis Chateaubriand, na Bahia. Afonso conseguiu colocar-se em um dos jornais do Recife e Eustáquio foi para o Rio estudar medicina. Assim morreu a Arcádia. Dos que ficaram alguns são funcionários públicos, professores e até livreiros, outros estão tentando ainda. Todavia, nenhum tinha uma legítima vocação de escritor e nada produziu até agora (CARVALHO, 1949a, p. 3).

Para além do tom saudosista do jovem escritor, é possível observar a sua preocupação com o ato de escrever e de se escrever/inscrever. O desejo de “escrever e ser lido” aponta para a sua intenção de se constituir como membro do campo literário. Ele seria, como menciona Pierre Bourdieu (2010) sobre a noção de campo, um dos “últimos a chegar”. Ou seja, aqueles que ainda galgavam espaço para se expressarem mais intensivamente, de se legitimarem como escritores, como literatos.

De acordo com as lembranças do escritor, havia o desejo latente de muitos para o lançamento e circulação de revista e jornais, mas as dificuldades eram muitas, o que levava as pretensões a não se efetivarem. Além disso, o escritor denuncia o esvaziamento dos grupos, que, segundo ele, ocorriam por causa de falta de vocação legítima. Sem se aprofundar nos motivos dos rumos que cada um teria seguido, ele prefere colocar o aspecto do insucesso dos projetos de alguns grupos como fruto de vocação ou ausência dela. “Ser escritor” seria uma questão de vocação ou uma questão de “se fazer escritor”? No livro *Como e por que me fiz escritor* (1994) o próprio literato admite que se tornou escritor não necessariamente por vocação. A questão de ser ou não vocação não se trata, aqui, de uma reflexão filosófica, mas, sobremaneira, de mais um indício de escrita de si do escritor, pois, ao afirmar que os outros não seguiram em frente no campo literário, ele demonstra que faz parte das lutas do campo à legitimação.

Essas disputas ficam evidenciadas com as repercussões que suas declarações sobre vocação despertaram. Os demais agentes do campo

sentiram-se desprestigiados com a ideia de tal ausência. Poucos dias após o seu texto “Lembrança da Arcádia”, que gerou certo desconforto no seio do grupo de escritores da época, O. G. Rego de Carvalho publicou outro texto, no *Jornal O Piauí*, para enfatizar seu ponto de vista sobre a ideia de vocação:

Enquanto os jovens escritores provincianos se agrupam “para fazer uma barbaridade”, em nossa terra temos uma turma bem crescida de prosaicos e cabotinos, que se julgam modelos de virtude literária por haverem escrito, quando adolescentes, notas sobre a paz, o petróleo ou a missão dos novos. Inicialmente esses empedernidos criaram o Clube dos Novos, com propósitos elevados de dar letras ao Piauí. Chegaram a editar um boletim, em que estudaram a reforma agrária, fizeram contestações a Marx ou condenaram o regime franquista. Mas o Clube dos Novos morreu sem outras realizações, só com as poucas letras do nome. Depois, homens de ação, organizaram-se em caráter sério, fundando “debates S. A”, entidade que deveria lançar um diário na capital, para abrir novos horizontes. Fizeram os estatutos, elegeram-se diretores, todavia “debates” sem organização, sem relutância e faleceu na Santa Paz do Senhor, tão anônimo como nasceu. Recentemente, já escritores, decidiram instalar a ABDE na província. Encontraram sessenta e tantas criaturas, algumas modestas, outras, legítimos valores. Nesse rol entraram mais amigos e parentes que escritores. Por isso a ABDE se destina a ser mais um fracasso dessa gente prosaica e cabotina que se julga dona das nossas letras (CARVALHO, 1949b, p. 03).

O sarcasmo e o uso de metáforas para fazer analogias e descrever sua visão sobre aqueles que o criticaram são os nortes do texto. Segundo o escritor, as reuniões vazias, a falta de propósitos, agrupamento por amizades ou parentesco, seriam elementos suficientes para desconsiderar tais composições. O próprio uso do termo “província” já demonstra algo que seria forte tom de suas polêmicas ao longo de sua trajetória como escritor: o confronto entre local, regional e nacional, como uma questão de tempo e de relações de poder. Ser da “província” ou agir e pensar como provinciano era ser considerado inferior, atrasado. Assim, o escritor se coloca como “fora” desse espaço, dessa “fronteira”.

A literatura em si é o próprio poder, disputado pelos diferentes agentes em suas diferentes posições no campo literário. Poder esse que é desejado por todos, uns se consideram mais merecedores que os outros. “Essa gente prosaica e cabotina” seria aquela que, em certa medida, detinha destaque no cenário literário e que, para o escritor, era, ou se sentia, a dona do poder, a dona da literatura. Há, dessa forma, o trabalho discursivo de hierarquizar, de enaltecer ou diminuir a legitimidade da produção ou participação literária dos diferentes agentes. Instauram-se aí as disputas que são típicas do campo.

Essas observações são pertinentes, pois, como sugere Pierre Bourdieu, para se implementar estudos sobre obras culturais – aqui compreendidas não somente como o conjunto de obras escritas, mas a atuação nos diferentes espaços da produção cultural – é fulcral que se observem três operações: a primeira se refere à análise da posição do campo literário, no âmbito do poder, e de seus processos e evolução no decorrer do tempo; depois, a análise das estruturas internas do campo literário, pois cada campo obedece a leis específicas de funcionamento e de mudanças, nas quais se apresentam as posições que ocupam cada agente, concorrendo por legitimidade; por último, a fricção entre a trajetória social e de posição no interior do campo, em que os agentes buscam as condições para a sua maior inserção e atualização. Nesse sentido, visualizando tais operações, é possível compreender que “a construção do campo é a condição lógica prévia para a construção da trajetória social como série das posições ocupadas sucessivamente nesse campo” (BOURDIEU, 2010, p. 243). O. G. Rego de Carvalho, por esse viés, estava se posicionando no seio do processo de construção do campo. Construção essa que, como as polêmicas de seus comentários indicam, não se dá como um dado, como um objeto acabado, nem mesmo sem conflitos. Por isso, o campo literário só pode ser entendido em sua relação com o campo do poder, pois “o campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente).” (BOURDIEU, 2010, p. 243).



## 5 Considerações finais

A narrativa de O. G. Rego de Carvalho é o indicativo de que, na história e na história da literatura, o turbilhão de tensões, permanências e mudanças representa o processo de (re)acomodação das práticas do fazer e do pensar. Sua escrita cria uma espécie de “movimento” no seio da literatura considerada piauiense, que, naquele momento de sua produção literária, parecia dormente no que se refere às novas demandas que a literatura “nacional” também buscava. Sua escrita e seus comentários desnudaram as relações de poder que se instauraram sobre a literatura, revelando-se, ela mesma, como o poder disputado pelos intelectuais e escritores. Não se referia somente ao âmbito literário, mas enveredava-se pelos labirintos e subterrâneos do “ser piauiense”.

Sua escrita vai ser tomada como ponto de desconforto no fazer literário, pois coloca em destaque a condição de existência e de significação do “ser piauiense”. Ele põe em relevo algo que, até então, estava sendo pensado como natural ou naturalizado. Ele fez refletir sobre os aspectos relacionados entre o espaço e o poder, tendo a noção de autor como elemento de profusão. Ao colocar sob suspeita a validade da “literatura piauiense”, o literato chama atenção para as duas tendências da literatura produzida no estado: a de matriz nos textos que têm a seca e o vaqueiro como temática; e a outra que foi produzida, mais fortemente, a partir do período republicano, com viés geográfico, político e econômico. Tendências que, *a priori*, não constituem o mote principal da escrita de O. G. Rego de Carvalho, que não tinha, como nas tendências mencionadas, a intenção deliberada de construir uma “identidade piauiense”.

As perspectivas do autor, autoria, autobiográfica se expõem nesse conjunto de (re)arranjos da produção literária. Produção tal que manifesta o cruzamento não somente de novas ideias ou concepções sobre o fazer literário, mas exprime, também, a pluralidade de tempos que denotam experiências distintas de tempo e de espaço. A autobiografia, em O. G. Rego de Carvalho, não se apresenta somente na catalogação e leitura de seus livros, pois não é o conjunto de seus livros que vão dizer o que é autobiográfico. O teor autobiográfico pôde ser notado na costura de suas entrevistas, de seus textos e das leituras que ele deseja que sejam feitas sobre seus livros. Ao guardar as “fórmulas” de seus segredos, ou mesmo revelando algumas delas, O. G. Rego de Carvalho implementa

uma (des)leitura das interpretações feitas sobre seus textos, no sentido de não abrir margens para leituras que, para ele, pudessem enquadrá-lo nos moldes das tendências literárias que reinavam no Piauí, pelo menos até princípios das décadas de 1960 e 1970.

É mister mencionar que, ao estudar a produção literária de O. G. Rego de Carvalho, fez-se não com intuito de realizar uma análise estritamente biográfica. Os traços (auto)biográficos abordados constituem o fio condutor para a compreensão do pensar e fazer literatura no seio das questões de fronteira, identidades e relações de poder. O campo literário, no que se chamaria de “literatura piauiense”, está imerso nos debates de cânone, de produção, circulação e consumo da literatura, nas ranhuras dos espaços de atuação dos diferentes agentes envolvidos no campo.

Nos sentidos da biografia ou da autobiografia, percebeu-se que há traços daquilo que o literato admite serem “projeções” dele mesmo. No entanto, não aceita os comentários que dizem que seus livros são estritamente biográficos. Aliás, os comentários de críticos e professores muitas vezes foram tomados, pelo literato, como leituras equivocadas. Isso, em geral, levou-o a se posicionar contrário, promovendo ainda mais ranhuras e contendas entre ele e os demais intelectuais.

## Referências

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAPTISTA, Abel Barros. *Autobiografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- CARVALHO, O. G. Rego de. *Como e por que me fiz escritor*. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.
- CARVALHO, O. G. Rego de. Lembrança da Arcádia. *O Piauí*. Teresina, n. 501, p. 03, 9. jul. 1949a.
- CARVALHO, O. G. Rego de. O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Cineas Santos. *Revista Presença*. Teresina, n. 12, p. 20-25, set. /nov. 1982.
- CARVALHO, O. G. Rego de. Prosaicos e Cabotinos. *O Piauí*. Teresina, n. 502, p. 03,12. jul. 1949b.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sociólogo*. Brasília, DF: Editora da UnB, 1968.
- KRUEL, Kenard. Entrevistas. In: KRUEL, Kenard. *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007d.
- KRUEL, Kenard. Entrevistas. In: KRUEL, Kenard. *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007b.
- KRUEL, Kenard. Entrevistas. In: KRUEL, Kenard. *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007c.

KRUEL, Kenard. Entrevistas. In: KRUEL, Kenard. *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007a.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico: de Rosseau à internet*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

ROSSI, Daniel; NOLASCO, Edgar César. Tempo liberado? Ubiquidade temporal em Trópico de Câncer. In: I ENCONTRO DO GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA – MOEBIUS. *Anais*. Dourados, MS: UFGD, 2010.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Recebido em: 12 de março de 2019.

Aprovado em: 18 de junho de 2019.